

METODOLOGIA APLICADA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

CELSIANE DO ESPÍRITO SANTO SILVA COSTA*
ÉDER RODRIGO MARIANO
LÚCIO CARLOS DIAS OLIVEIRA
FERNANDO MARTINS CUTRIM
Universidade CEUMA – São Luís – Maranhão – Brasil
*celsiane.costa@bol.com.br

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo verificar a Metodologia Aplicada nas Aulas de Educação Física escolar em Crianças com Síndrome de Down (SD). O estudo é de caráter qualitativo do tipo exploratório e descritivo. Três escolas de São Luís- MA constituem o universo desta pesquisa: escola pública, particular e filantrópica. A amostra foi composta por oito professores, assim sendo; um professor da instituição de ensino público, três da rede particular e quatro da instituição filantrópica. Foi aplicado um questionário com seis perguntas abertas, com a intenção de analisar sobre quais Metodologias esses professores utilizam para ministrar suas aulas. Entretanto somente seis professores pesquisados responderam e devolveram os questionários, enquanto que os demais não os devolveram. Contudo percebe-se a relevância desta pesquisa em investigar se esses professores aplicam metodologias que vão possibilitar um embasamento teórico nas suas aulas com crianças SD. Levando-se em consideração que toda metodologia vai de encontro com o que a literatura aborda: planejar, programar e utilizar-se de uma intervenção ou ação pedagógica.

Palavras – chave: Metodologia. Educação Física. Síndrome de Down.

A Síndrome de Down (SD) é uma condição genética reconhecida há mais de um século por John Lagdon Down, médico inglês que escreveu em 1886, pela primeira vez, as características de uma criança com esta síndrome. A SD ou Trissomia do 21 é fruto de um acidente genético cromossômico caracterizado pela presença de três cromossomos ao invés de dois. Os portadores desta síndrome são denominados trissômicos. Frequentemente, é chamada de 'mongolismo', termo errôneo e preconceituoso, usado por Jhon Down para classificar pessoas com esta síndrome (SOLER, 2006).

A SD pode ser facilmente identificada: Os olhos apresentam-se com pálpebras estreitas e levemente oblíquas, com prega de pele no canto interno (prega epidêmica); a íris frequentemente apresenta pequenas manchas brancas (manchas de Brushfield); a cabeça geralmente é menor e a parte posterior levemente achatada. A boca é pequena e muitas vezes se mantém aberta com a língua projetando-se para fora; as mãos são curtas e largas e, às vezes, nas palmas das mãos, há uma única linha transversal, de lado a lado, em vez de duas. A musculatura de maneira geral é mais flácida (hipotonia muscular). Os dedos dos pés comumente são curtos e na maioria das crianças há um espaço grande entre o dedão e o segundo dedo. Muitas têm pé chato (SOLER, 2006).

Há um preconceito estabelecido pela sociedade de que os portadores de necessidades especiais não possuem recursos mentais e físicos suficientes para se tornarem pessoas independentes em sua vida social e profissional. Contudo, Matoan (apud SOLER, 2006. p. 42) diz que: “os portadores de deficiências constroem também seu conhecimento do mesmo modo que indivíduos normais, embora de forma mais lenta”.

De acordo com a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; Leis das Diretrizes e Bases (LDB, 1996. p. 18) “Entende-se por Educação Especial, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais”.

Desta forma os Soler (apud PCN's, 2006. P. 30), ressalta a importância de profissional com currículo adequado para a Educação Especial:

A expressão necessidades educacionais especiais pode ser utilizada para referir-se a criança e jovens cujas necessidades decorrem de sua elevada capacidade ou de suas dificuldades para aprender. Está associada, portanto, à dificuldade de aprendizagem, não necessariamente vinculada à deficiência(s).

A Educação Física Adaptada:

É uma área da Educação Física que tem como objeto de estudo a motricidade humana para as pessoas com necessidades educacionais especiais, adequando metodologias de ensino para o atendimento às características de cada portador de deficiência, respeitando suas diferenças individuais (DUARTE E WERNER, 1995, p. 9).

Para favorecer a educação da criança com SD é importante o trabalho com processos cognitivos: percepção, atenção, memória e organização de itinerários mentais (SEVERO, 2009).

Alguns professores tratam seus alunos como atletas e consideram as crianças com SD um carma em suas aulas práticas, mas estes se estimulados adequadamente conseguirão bons resultados nas práticas esportiva. Contudo, Pierrô (apud SOLER, 2006, p. 40) reforça que: essas crianças não devem ser treinadas, elas devem ser, antes de tudo educadas.

Por conta disso, foi levantado o seguinte problema: de que modo, os professores poderão atuar de forma competente com alunos, Síndrome de Down? Sendo assim, haveria necessidade da utilização de uma metodologia adequada com este público?

O professor deve ser dinâmico e criativo em suas aulas; usufruindo o meio lúdico ele contribuirá para o desenvolvimento global do aluno. GOMES (2007) destaca que quanto mais prazerosas forem as atividades, mais benefícios trarão para o desenvolvimento integral do aluno.

Neste contexto, percebemos as necessidades de verificar as intervenções do profissional de Educação Física em três escolas de São Luís- MA que trabalham com crianças portadoras da SD e se os mesmos atendem aos requisitos necessários para que os alunos sintam prazer em participar das aulas, bem como se as aulas desses professores seguem uma linha pedagógica metodológica a partir do que a literatura apresenta, tendo em vista que o professor tem um papel fundamental na vida dessas crianças para a fomentação de suas habilidades, bem como nas relações de amizade e de socialização que a aula pode proporcionar.

Assim, este trabalho teve como objetivo verificar a Metodologia que os professores aplicam nas aulas de Educação Física Escolar em três escolas distintas de São Luís- MA com crianças portadoras da Síndrome de Down.

METODOLOGIA

Esta investigação se caracterizou por um estudo qualitativo do tipo exploratório e descritivo, que teve como intuito descobrir qual a Metodologia que os professores utilizam com as crianças portadoras da Síndrome de Down. E verificar se essa metodologia condiz com alguma literatura.

Universo e amostra

O estudo foi realizado em três escolas de São Luís - MA, a amostra foi constituída por oito professores no total, dentre estes; quatro são da rede filantrópica, um da rede pública e os outros três da rede particular de Educação Fundamental.

Coleta de dados

Para o levantamento de dados foi realizada entrevista utilizando um questionário com seis questões à população em estudo, com perguntas abertas, elaborado especificamente para este fim, deixando livre ao entrevistado o fornecimento de informações complementares pertinentes à pesquisa, sem qualquer caráter de divulgação. Entretanto tive dificuldades em encontrar escolas públicas e particulares dispostas a aceitar minha proposta devido a temática em questão.

Análise de dados

Os dados foram coletados através da pesquisa de Campo, logo após os dados foram selecionados e seriados para obtermos os resultados alcançados, sendo os mesmos posteriormente analisados e discutidos para apresentação. Como forma de preservar a identidade dos entrevistados, os mesmos serão identificados através de letras, como P1, P2, P3, P4, P8. Sendo que P1, P2, P4, P5 e P8 são graduados em Educação Física licenciatura. Já P3, P6 e P7 são graduadas em Pedagogia licenciatura.

Aspectos Éticos

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade CEUMA obtendo o seguinte número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – CAAE: 1556 1313.4.0000.5084 e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, contendo as informações sobre o estudo abordado e as condições de participação, o mesmo foi apresentado aos participantes para ser assinado. Assim os todos tiveram ciência dos objetivos da pesquisa e do aspecto voluntário da participação, com preservação do anonimato, e ainda sobre o direito de se retirarem do estudo em qualquer momento sem sofrerem nenhuma pressão ou prejuízo social. Assim que os participantes assinaram o TCLE, iniciaram-se a resposta do questionário.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para a discussão dos resultados no presente estudo aplicou-se um questionário aos professores. os quais foram examinados qualitativamente. Buscou-se com os dados coletados certificar os fatos e contextualizá-los com as teorias já apresentadas na revisão teórica que fundamentam este estudo.

Os resultados obtidos foram correlacionados entre si, para uma melhor percepção de igualdades, semelhanças ou divergências nas respostas dos entrevistados.

De acordo com o Coletivo de Autores (2009, p. 41):

Estruturar um programa de Educação Física e selecionar os seus conteúdos é um problema metodológico básico, uma vez que, quando se aponta o conhecimento e os métodos[...] E seus elementos principais são: 1) o conhecimento de que trata a disciplina, sistematizado e distribuído, que geralmente se denomina de conteúdos de ensino; 2) o tempo pedagogicamente necessário para o processo de apropriação do conhecimento; e 3) os procedimentos didático-metodológicos para ensiná-lo.

Partindo desta afirmativa percebeu-se a importância do professor estruturar uma aula para seus alunos baseando-se em evidências literárias que comprovam o quão essencial é a ausência ou presença de uma metodologia tanto em aulas práticas quanto em teóricas.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Iniciou-se o questionário com a seguinte questão: Você conhece os métodos de ensino aprendizagem apresentados pela literatura e utilizados com crianças portadoras da Síndrome de Down? Quais? Através desta questão verificou-se se os professores tinham conhecimento sobre métodos de ensino aprendizagem. Com as respostas obtidas pode-se perceber diferentes conhecimentos, tais como: conhecimentos superficial, conhecimento prévio, conhecimento abrangente e ausência de conhecimento metodológico diante da temática em questão.

✓ Conhecimento Superficial:

Não existe um método específico, porém a literatura nos mostra caminhos para estimular e contribuir para melhor qualidade de vida e uma construção de valores para um exercício pleno de cidadania.

P III.

✓ Conhecimento Abrangente

Doman- Delacato e Bobath e também Educação Física Especializada.

P I.

Marco (2006, p. 130) afirma que:

[...] a ideia exata do quão importante é o período da primeira infância, para que, além das obrigações legais, pais, professores, recreacionistas, enfim, todos os que interagem com crianças pudessem ter a perfeita noção dos estágios de desenvolvimento neurobiológico e psicológico por meio dos quais elas evoluem nesse período. Destacando-se as relações interpessoais que interferem significativamente na formação da personalidade infantil [...]

✓ Ausência de conhecimento Metodológico:

Não conheço. Trabalho de acordo com a realidade que vivencio.

P VII.

Enquanto PI e PV demonstram ter conhecimentos literários sobre métodos que possam ser utilizados com Crianças portadoras da SD. PIII e PVI tentam justificar suas respostas de acordo com seus conhecimentos prévio e superficial a ausência do não conhecer um método cientificamente comprovado. Entretanto PVII afirma que desconhece métodos de ensino - aprendizagem para crianças SD.

Gutierrez (2003, p. 37) diz que:

A aprendizagem significativa é um dos verdadeiros desafios do professor, pois, ao fazer seu aluno atribuir significado e sentido ao que vivenciou, estará tornando essa aprendizagem significativa para ele. [...], o professor deve estar convicto dos passos que adotará em sua metodologia de intervenção, sabendo o porquê das suas ações [...], em outras palavras, aquele que vai em busca dos seus ideais, na sua forma de SER e não de TER.

Partindo desta afirmativa verificou-se que ter um conhecimento amplo e ou científico sobre o que é metodologia e como aplicá-la é de suma importância para todo aquele que se intitula professor.

Seguindo a ordem das questões aplicadas a próxima refere-se ao recurso que cada professor utiliza em suas aulas: Qual método de ensino aprendizagem você aplica?

- ✓ Utilizam algum método:

Doman Delacato
PI.

Sobre este método o Wachelke et al. (2004, p.312) fala que:

Os profissionais que se utilizam do método da organização neurológica verificam em que grau cada criança apresenta essas capacidades, e podem assim verificar em que estágio neurológico ela se encontra. De posse desses dados, torna-se então possível elaborar um programa de atividades específico para a criança que lhe permitiria compensar o atraso no desenvolvimento e estimular as partes necessárias [...], a fim de que ela supere sua deficiência (DOMAN, 1980).

De acordo com este contexto percebe-se que o professor deve conhecer o potencial do seu aluno; saber até onde vai o seu limite e a partir daí desenvolver um programa com aulas específicas respeitando suas individualidades biológicas e almejando o seu desenvolvimento físico, social e motor.

- ✓ Não utilizam nenhum método

Trabalho com atividades diferenciada, pois a aprendizagem desses alunos é lenta.

PVII.

Se os professores enquanto mediador e facilitador do ensino - aprendizagem não estruturam e dinamizam suas aulas; quem garante a satisfação e o processo de desenvolvimento dessas crianças.

Gutierrez (2003, p. 39) relata que:

A estrutura metodológica da aula deve refletir os propósitos iniciais que visam desenvolver as finalidades desse professor como mediador do desenvolvimento infantil, possibilitando a ele criar estratégias de intervenção pedagógica.

A questão a seguir refere-se a como os professores se vêem diante de um público com Síndrome de Down: Qual o papel do professor nessa área de atuação?

Contribuir para fortalecimento dos músculos para interação, companheirismo, mostrando os benefícios que os exercícios, os jogos as competições, estimulando para uma atitude crítica em relação ao seu compromisso como cidadão.

PIII.

De acordo com Soler (2006, p. 20):

O papel do professor de educação Física na Educação Especial, como em qualquer outra modalidade de ensino, é o de criar desequilíbrios, apresentando a seu aluno, o novo e o desconhecido, pois diante do desafio, a criança tende a assimilar o conhecimento, utilizando os recursos motores e mentais que possui.

Analizou-se estas respostas percebeu-se alguns pontos comuns entre o PI, PIII, PV e PVII dentre esses pontos pode-se citar como predominantes nas respostas dois pontos fortes: "mediador" e "relacionar-se com o outro".

É na 4ª questão que pode-se verificar como o professor conduz suas aulas ao se deparar com uma rejeição ou não aceitação por parte dos alunos: Os alunos se apresentam resistentes à prática? Qual a sua postura?

Sim, isto é normal na nossa convivência diária; deixar a vontade, ou seja adaptação.

PI.

O professor utilizará algumas ferramentas didáticas para que estimule os alunos às atividades que os mesmos oferecem resistências ao praticá-las.

PII.

Não. Sempre os estimulamos com alternativas as dificuldades que se apresentam.

PV.

E como diz Soler (apud MEDINA 2006, p. 58):

É hora de ajustarmos as nossas estratégias, vale dizer, a nossa pedagogia, na direção de uma transformação autêntica, mais compatível com o nosso discurso e a nossa própria realidade.

Dando continuidade a esse assunto, Soler (apud PCN's 2006, p. 33) ressalta ainda que:

O professor deve fazer adaptações, criar situações de modo a possibilitar a participação dos alunos especiais. Esse aluno poderá participar dos jogos ou danças [...] em que cada limitação gerará um nível de solução, pois o desenvolvimento da percepção das possibilidades permite a sua consequente potencialização.

É notório que ambos os entrevistados apresentam formas de tentar 'agradar' seus alunos para que os mesmos não evacuem em suas. A partir dessa 'ação' percebemos a valorização da presença dos alunos perante as aulas desses professores entrevistados.

Já dizia Soler (apud ROSADAS, 2006, p. 17):

Mas, para se descobrir o que é bom para eles é preciso, antes de tudo, saber como são, para entendê-los melhor, e assim equacionar de forma mais equilibrada as atividades a eles destinadas.

Já na 5ª questão tentou-se identificar se esses professores fizeram ou fazem cursos específicos voltado para área de crianças portadoras de necessidades especiais: Você participou de cursos específicos nesta área? Quando?

Não. A própria vivência do professor, permite desenvolver práticas que asseguram um bom desenvolvimento do aluno.

P.III.

Não. Somente no período da Universidade houve uma cadeira específica para necessidades especiais, onde pude conhecer Metodologias direcionadas a portadores de Síndrome de Down.

PVI.

Sim. Quando fiz o curso de Educação Especial no APYNTEC.

PVII.

Devido às respostas obtidas e dando uma ênfase na postura do PIII, faz-se necessário citar a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; Leis das Diretrizes e Bases art 58º. (LDB, 1996. p. 21) que afirma o seguinte:

III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns.

Sendo assim constatou-se que a afirmação de PIII não é tão adequada levando-se em consideração a importância de um profissional que tenha especializações e posteriormente metodologias específicas às crianças SD.

O professor de Educação Física, bem como qualquer outro profissional, tem que está se aprimorando e construindo cada vez mais o seu conhecimento. Seja através de congressos, cursos, mini- cursos ou palestras. A prática tem que ser fundamentada na teoria e 'vice-versa.'

Caso contrário seus métodos não haverá respaldo. Ou até mesmo ausência de uma metodologia ultrapassada.

Para finalizar com a entrevista perguntamos: Como você avalia a evolução do aluno antes, durante e ao final das aulas?

Quando o aluno chegar temos que depois de 2 meses fazer uma avaliação dele. Depois com os pais e no final nós aplicamos outro teste; se tiver necessidade nós continuamos com o tratamento ou indicamos ele para os esportes.

PI.

Avaliação é feita eventualmente com a família antes, durante e depois com o grupo técnico e com a família, dependendo da patologia da criança. Métodos especializados.

PII.

Observando a participação e o desempenho do aluno nas atividades propostas.

PVII.

Segundo Coletivo de autores (2009, p. 68):

A avaliação do processo ensino-aprendizagem é muito mais do que simplesmente aplicar testes, levantar medidas, selecionar e classificar alunos.

De acordo com as respostas dos entrevistados e os autores citados, percebe-se uma igualdade de ideias positivas. Ou seja, os professores agem de acordo com o que se pede em literaturas específicas da temática abordada.

CONCLUSÃO

Através da realização deste artigo percebeu-se que alguns professores entrevistados têm conhecimentos e aplicam Metodologias em suas aulas de acordo com o seu público (crianças SD). Tais como PI, PV e PVI. Uma das metodologias citadas foi Doman- Delacato, entretanto os demais professores demonstraram não terem uma metodologia específica da literatura.

Contudo após a realização desta pesquisa é relevante ressaltar as dificuldades encontradas antes e durante a realização deste trabalho, pós algumas escolas públicas e particulares abordadas demonstraram receio ao serem apresentadas a temática em questão. As mesmas afirmaram não terem alunos portadores da Síndrome de Down em seu ambiente escolar.

Outros dois aspectos negativos foi na rede filantrópica e particular de ensino fundamental; dentre os quatro professores (um da Pedagogia e três da Educação Física) da rede filantrópica, somente três deram retorno das respostas, o professor de Educação Física (PIV) não respondeu ao questionário, depois de ter aceitado ser entrevistado e justificou-se ainda afirmando que a sua metodologia é a mesma que os demais professores aplicam. Entretanto os três professores de Educação Física dessa escola são específicos e de áreas distintas: Futsal, Natação (Hidroginástica) e Atletismos. Com isto implica-se em questionar como PIV afirma realizar suas aulas igualmente a PI e PII, se os mesmo são de áreas distintas da Educação Física? Contudo PI especifica o método Doman-Delacato como utilizado em suas aulas. Já PII não especificou método nenhum. Sendo assim é notório a diferença nas respostas obtidas de PI e PII, e compreende-se que PIV fez suas justificativas incoerentes em relação a sua realidade. E observa-se ainda uma resistência de PIV em responder o questionário.

O segundo ponto negativo surgiu na rede particular de ensino fundamental; o único professor (PVIII) de Educação Física presente nesta escola aceitou fazer parte da pesquisa, recebeu o questionário, mas não o devolveu. Este nem justificativa deu para expor o porquê da não devolução.

No entanto percebe-se a relevância desta pesquisa em investigar se os professores aplicam metodologias que vão possibilitar um embasamento teórico nas suas aulas com crianças SD. Levando-se em consideração que toda metodologia vai de encontro com o planejamento, programação e intervenção de uma ação pedagógica.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDBEN. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996.

COLETIVO DE AUTORES, **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Editores Associados, 2º Edição, 2009.

DUARTE, E. WERNER, T. **Conhecendo um Pouco mais Sobre as Deficiências**. in: curso de atividade física e desportiva para pessoas portadoras de deficiência: educação à distância. Rio de Janeiro: ABT: UGF, 1995.

GOMES, N. M. **Análise da disciplina de educação física especial nas instituições de ensino superior públicas do estado do Paraná**. Campinas, SP: [s.n], 2007.

MARCO, Ademir de. **Educação Física: Cultura e Sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

SEVERO, R. B Jogos cooperativos: **Uma proposta para inclusão de crianças com Síndrome de Down nas aulas de Educação Física**. sd. Salvador, 2009.

SHIMAZAKI, E. M. **A formação de conceitos e ciências naturais: uma experiência com alunos portadores de deficiência mental moderada**. 1994. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Campinas, Campinas, 1994.

SOLER, R. **Brincando e Aprendendo na Educação Física Especial: planos de aula**. 2 ed. Rio de Janeiro. Sprint: 2006.

WACHELKE, João Fernando Rech. Et al. Contribuições e limitações do método domandacato no contexto da educação especial. **Rev. Bras. Ed. V. 10. Esp.** Marília, 2004.

Celsiane do Espírito Santo Silva Costa
Rua Oliveira Lima, 67 – Lira – Cep.: 65.026-060